

---

**A QUESTÃO EDUCACIONAL EM MARX: ALGUNS APONTAMENTOS<sup>1</sup>****THE ISSUE OF EDUCATION IN MARX: SOME NOTES****LA CUESTIÓN EDUCACIÓN EN MARX: ALGUNOS APUNTAMIENTOS**João Carlos da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Artigo como resultado das leituras e reflexões realizadas no grupo de estudo sobre as obras de Marx e Engels, no interior do grupo de pesquisa HISTEDOPR - GT, Cascavel, PR. A questão educacional não recebeu um tratamento específico na obra de Marx, ainda que muitos procurem em suas formulações princípios teórico-metodológicos para o processo de ensino-aprendizagem. Seu pensamento educacional deve ser observado no conjunto da produção marxiana. Este texto visa compreender, a luz das transformações históricas, a questão educacional, tendo como base alguns dos escritos marxistas. Sua concepção de educação está imerso no horizonte das relações sócio-econômicas, objeto central de sua discussão. Veremos que a educação, em Marx, apresenta uma perspectiva político-ideológica, ainda que submetida ao determinante econômico. Compreender a análise de Marx acerca do fenômeno educativo prescinde observar seu modo de compreender a sociedade.

Palavras-chave: Escola pública, ideologia, alienação, educação

**Abstract:** Article as a result of readability and reflections carried out in the study group on the works of Marx and Engels, within the group of search HISTEDOPR - GT, Cascavel, PR. The question educational not received a specific treatment in the work of Marx, even if many seek in their formulations, theoretical-methodological principles for the process of teaching-learning. Its educational thinking must be observed in the whole production marxist. This text to understand, in the light of historical change, the question educational, based on some of his writings. Their conception of education is immersed in horizon of socio-economic relations, central object of discussion. We will see that education, in Marx, presents a political-ideological perspective, even before the determinant economic. Understand the analysis of Marx about the educative phenomenon does without to observe its way to understand the society.

keywords: Public school, Ideology, alienation, education

**Resumen:** El artículo, como resultado de lecturas y reflexiones hechas en el grupo de estudio sobre las obras de Marx y Engels, en HISTEDOPR el grupo de investigación - GT, Cascavel. El tema de la educación no ha recibido un trato especial en la obra de Marx, aunque muchos buscan en sus formulaciones teóricas y principios metodológicos para el proceso de enseñanza y aprendizaje. Su pensamiento educativo debe ser observado en toda la producción marxista. Este trabajo tiene como objetivo comprender la función de la evolución histórica, el tema de la educación, sobre la base de algunos de los escritos marxistas. Su concepción de la educación está inmersa en el horizonte de desarrollo socio-económico, el objeto principal de su discusión. La educación, en Marx, presenta un punto de vista político-ideológico, incluso si se somete a los determinantes económicos. Entender el análisis de Marx sobre fenómeno educativo observar su forma de entender la sociedad.

Palabras clave: Escuela pública, ideología, alienación, educación

**Introdução**

A questão educacional, em Marx, não teve um tratamento específico, isto é, uma obra exclusiva, mas deve ser compreendida no conjunto de sua produção. Veremos que a educação, em

Marx é parte constituinte da superestrutura, submetida ao determinante econômico. Este artigo apresenta uma reflexão sobre a concepção de educação em Marx e Engels a partir de suas críticas a escola burguesa. A discussão está centrada a partir do texto *Crítica da educação e do ensino*, obra organizada pelo francês Roger Dangeville, em que selecionou textos dos dois autores acerca do papel da educação, formas de ensino, efeitos alienantes de um sistema educacional capitalista.

Marx procura demonstrar por razões teóricas e evidências empíricas que a escola contemporânea, enfatiza a perspectiva da ordem burguesa, servindo aos seus propósitos econômicos, políticos, ideológicos e culturais. A burguesia, ao instalar-se no poder, entre os séculos XVIII a XIX, serviu-se da educação, fundamentada em seu componente ideológico como instrumental para consolidar-se e manter-se no poder.

Neste prisma, privilegiamos a discussão em torno da questão educacional, buscando uma visão panorâmica do processo de construção da concepção materialista dialética da histórica, com isso contribuir com o debate acerca da escola pública.

### ***Educação e alienação***

Para Marx, a alienação, em sendo resultado pela divisão do trabalho, explica quanto mais esta se desenvolve, maior é a tarefa especializada atribuída a cada indivíduo, maneira pela qual a crescente pressão para a especialização do saber. O indivíduo, na sociedade capitalista é levado a fazer do trabalho uma atividade vital, sendo o único objeto de sua vontade e consciência. O trabalho havia se tornado “a vida em si” e não “um meio para se viver”. A divisão do trabalho, no interior da produção capitalista, deu-se ao separar o trabalho manual do trabalho intelectual, implicando em todas suas contradições, como o acesso ao trabalho assalariado, tempo livre e a um tipo de educação. Como Roger Dangeville, em *Crítica da Educação e do Ensino*, de Marx e Engels:

Uma outra consequência do capitalismo é separar a arte da técnica, abstraindo-a cada vez mais da produção colectiva, para dela fazer uma questão individual. Carece então de todos os meios materiais: praticada em amadorismo, mergulha no esquecimento ou na insignificância; tornada venal sucumbe às negociatas burguesas (1978, p. 19).

O produto do trabalhador, assim como o conhecimento adquirido pelos alunos é com frequência estranho e limitado, especializado, não relacionado e abstrato. O aluno não tem controle sobre o que faz, ou o que é feito do produto final. O "conhecimento" cresce em poder na medida em que os alunos gastam o que dele dispõem, e até adquire qualidades, devidamente modificadas. Os alunos podem perder confiança e se considerarem como simples "apêndices" de seus produtos. A propriedade privada, por exemplo, tornou-se a expressão material do trabalho alienado. Conforme Roger Dangeville:

É por isso que Marx e Engels estigmatizam de forma mais categórica as manifestações intelectuais do que as formas económicas e mesmo políticas das sociedades de classes: o proletariado deve agir ainda nas condições materiais da sociedade onde vive e produz, utilizando meios políticos, quando só dispõe de seu das suas ideias e dos seus princípios, nascidos do seu meio material de vida e

de produção, para orientar a evolução social no sentido dos interesses socialistas – de classe em primeiro lugar, portanto ainda políticos, sem classe em seguida. Nestas condições, o marxismo origina primeiramente uma luta de idéias, e é neste domínio ideológico que se delimita em primeiro lugar, e mais radicalmente, em relação às formas de pensamento da burguesia e das classes dominantes que a precederam (Idem, 21-22).

Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos* (2002) assevera que o trabalhador sempre sai perdendo em sua relação com o capitalista, em todas as situações possíveis e imagináveis do ponto de vista da economia como o crescimento, o salário, a produção, etc. Considera que a propriedade privada tornou-nos estúpidos e parciais, alienando todos os nossos sentidos, na busca do ter. A concorrência é a lei causadora da miséria da concentração de capitais e da ruína dos pequenos capitalistas. “O trabalhador põe a sua vida no objeto; porém agora ele já não lhe pertence, mas sim ao objeto. Quanto maior a sua atividade, mais o trabalhador se encontra objeto. Assim, quanto maior é o produto, mais ele fica diminuído” (idem p. 112).

A análise desse sistema forjadora de consciência explícita a condução de um modelo econômico que começava a ser questionada em função de suas contradições, como a estratificação social, a má distribuição de riquezas, a exploração e os demais fatores que objetifica o trabalho e alienam o homem de si mesmo, no que Marx chamou de processo de auto-alienação humana. O conjunto das relações de produção, base material sobre a qual se levanta a superestrutura política, jurídica e ideológica, engloba as idéias morais, estéticas e religiosas.

Assim, o modo de produção dos bens materiais condiciona a vida social, política e intelectual. Marx discute a existência de uma constante interação e interdependência entre a infraestrutura e a superestrutura, embora, em última instância, os fatores econômicos sejam os determinantes:

É partindo de três princípios, que Marx-Engels tiram as suas conclusões teóricas, diametralmente opostas às das classes dominantes. Em primeiro lugar, não são os pensamentos e os desejos dos homens que fazem a vida e as circunstâncias materiais, são as condições econômicas que formam a base de todas as manifestações intelectuais da sociedade humana. Se há educação, são, portanto as condições materiais que é preciso «educar» ou melhor revolucionar, e não as pobres cabeças! Ora, a crise econômica que abala e perturba o mundo capitalista está em vias de ensinar mais «verdades» do que todas as ciências burguesas das escolas e universidades avariadas: ela leva as massas proletárias a intervir no sentido do seu programa de classe, e chegará à altura em que estabelecerão uma superestrutura política para «agir em contrapartida» sobre a economia, a fim de a transformar, após terem forjado um sindicato e um partido de classe (Idem, p.23).

O modo de produção do capitalismo industrial conduzia de modo inevitável à superação da propriedade privada, não só pela rebelião dos oprimidos como pela própria evolução do sistema. Superado a propriedade privada, o homem venceria a alienação econômica e, em seguida, todas as outras formas de alienação de si mesmo. Marx insistiu no pressuposto de que o tipo de educação dominante expressava os interesses da classe dominante.

Em seguida, cada forma de produção e de sociedade sucessiva tem as suas ideias e o seu saber próprios. Claro que se combinam com um determinado fundo comum de todas as classes exploradoras, mas de cada vez de uma maneira

específica. «Os pensamentos da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes. As ideias que predominam, por outras palavras, a classe que é a potência material dominante da sociedade é também a potência espiritual dominante. Em conseqüência, a classe que dispõe dos meios da produção material, dispõe ao mesmo tempo dos meios da produção intelectual, de tal forma que lhe estão submetidos também os pensamentos daqueles que são desprovidos dos meios da produção intelectual. Os pensamentos dominantes não passam da expressão ideal das relações materiais dominantes: são essas relações materiais dominantes tomadas sob a forma de ideias. Por outras palavras, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, ou seja, as ideias da sua dominação (Idem p.23-24).

Marx caracterizou o modo de produção capitalista como uma *imensa coleção de mercadorias*, a partir do predomínio absoluto da produção mercantil. O trabalho produtivo não é apenas aquele que produz mercadoria, mas que gera mais-valia. É para esse objetivo, para esta lógica que o processo educacional burguês irá servir.

### ***Crítica à escola burguesa***

Adotando como eixo da análise a contradição entre propriedade privada e trabalho, Marx conclui que a economia política, toma inteiramente partido em favor da propriedade privada. Na sociedade da mercadoria, o trabalho é coercivo não devido à sua natureza, mas devido às condições históricas sob as quais é realizado. Nas condições da economia capitalista, a produção é realizada em circunstâncias tão alienadoras que o trabalho, a atividade criativa do homem, o processo se torna um processo de desumanização, conforme destaca Roger Dangeville:

Com efeito, a ciência e a técnica, que são a força produtiva e a riqueza maior, são gratuitas para o capitalista: «A ciência não custa absolutamente nada ao capitalista, o que não impede de a explorar. A ciência de «outrem» está incorporada no capital pela mesma razão do que o trabalho de outrem.» (1978, p. 18).

As limitações intelectuais, da classe operária, foram impostas historicamente pelas condições do trabalho industrial, exigindo um componente subversivo para que o trabalhador, no interior das contradições da ordem burguesa, alcance sua consciência. Percebemos que o cerne da crítica de Marx, à educação burguesa, a partir da alienação do produto do trabalho (oposição homem-natureza), da alienação do processo de produção e da fragmentação da atividade do homem e do estranhamento do próprio homem (fragmentação do homem e atomização da sociedade, da economia-política e da ciência burguesa):

O desenvolvimento intelectual de classe é a conseqüência directa da situação económica do operário, e esta é das mais complexas, porque evolui nas contradições, nos altos e baixos dos ciclos de crise e de prosperidade, com fases revolucionárias ou contra-revolucionárias. O marxismo afirma, todavia que «a grande indústria faz amadurecer as contradições e antagonismos da forma capitalista do processo de produção, ou seja, ao mesmo tempo em que os elementos, de formação e de consciência, os elementos subversivos da velha sociedade» (Idem, p34).

A educação burguesa, historicamente sempre ignorou a sensibilidade da criança, ao interessar-se exclusivamente pelas suas capacidades de produção, impondo a ela uma concepção do trabalho produtivo:

Quando Marx afirma que a educação deve partir da prática e da sensibilidade própria da criança, «os sentidos práticos, e sobretudo o nariz e a boca, sendo os primeiros órgãos com os quais a criança julga o mundo», não faz mais do que retomar a crítica de Fourier a qualquer ensino da «civilização»: «A escola-coloca a teoria antes da prática. Todos os sistemas civilizados caem neste erro: não sabendo seduzir a criança para o trabalho, são obrigados a deixá-la em férias até aos 6 ou 7 anos, idade que ela deveria ter utilizado para se tornar um hábil prático; depois, aos 7 anos, querem iniciá-la na teoria, nos estudos, em conhecimentos cujo desejo ninguém nela despertou.»(Idem, p.37).

O ensino aparece como instrumento para a reprodução do conhecimento, mas também na possibilidade de colocá-lo a serviço da transformação da sociedade e do mundo. Eis o aspecto de seu caráter revolucionário. A abolição da divisão do trabalho visava em Marx, romper com um tipo de educação que reproduza esta divisão, como a formação pelo treino, pelo trabalho produtivo, do conformismo e de uma pedagogia da obediência. Visava acima de tudo, forjar um novo homem:

A socialização da apropriação e do usufruto, em harmonia com a socialização já atingida da produção, permitirá abolir as classes dominantes e o próprio proletariado. É isto que implica a eliminação de todos os entraves ao desenvolvimento físico e intelectual do homem, ou seja, antes de tudo a abolição da divisão do trabalho que suscita as classes e as mutilações que tanto a especialização como a não-especialização dão aos indivíduos. O homem novo, nascido do revolucionamento das condições materiais da sociedade, e não do treino e da educação iluminista, poderá então desenvolver-se à escala da sociedade inteira e será um homem social (Idem, p.49).

O capitalismo ao separar a arte da técnica, fragiliza a produção coletiva, para fazer desta uma questão individual. O produto do trabalhador, como conhecimento, é com frequência estranho aos estudantes, pois estes aparecem como "apêndices" daquilo que produz. Assim, não é o aluno que controla o conhecimento, mas ao contrário, o conhecimento que controla o aluno.

Marx e Engels levantaram a bandeira da escola pública e gratuita para todas as crianças, porém, apresentam concepção diferente da visão burguesa, ao buscar humanizar os filhos da classe operária a partir da associação entre formação profissional e intelectual, que valorize o estudo, o lazer, portanto que não esteja vinculada à produção da mais valia. “Partindo daqui, dizemos que a sociedade não pode permitir nem aos pais nem aos patrões empregar no trabalho as suas crianças e os seus adolescentes, a menos que combinassem este trabalho produtivo com a educação”! (p.223).

Marx então sintetiza o que entende por educação:

Por educação, entendemos três coisas:

1. Educação intelectual;
2. Educação corporal, tal como é produzida pelos exercícios de ginásticas e militares;
3. Educação tecnológica, abrangendo os princípios gerais e científicos de todos os processos de produção, e ao mesmo tempo iniciando as crianças e os adolescentes na manipulação dos instrumentos elementares de todos os ramos de indústria. À divisão das crianças e dos adolescentes em três categorias, de 9 a 18 anos, deve corresponder um curso graduado e progressivo para a sua educação intelectual, corporal e politécnica. Os custos destas escolas politécnicas devem ser em parte cobertos pela venda das suas próprias produções. Esta combinação do trabalho produtivo, pago com a educação intelectual, os exercícios corporais e a formação politécnica, elevará a classe operária muito acima do nível das classes burguesa e aristocrática (1978, p. 223).

Nesta passagem, verificamos as origens da escola burguesa, em seu aspecto economicista, ao fazer da escola uma extensão da fábrica:

Muitos rapazes que freqüentaram a escola durante as 150 horas prescritas, encontram-se exactamente no mesmo estado, ao cabo de 6 meses da sua estadia na fábrica, do que no ponto de partida; esqueceram naturalmente tudo o que tinham aprendido antes. Noutras empresas de estampagem sobre algodão, a freqüência da escola depende totalmente das exigências do trabalho na empresa. O número de horas obrigatórias é aí satisfeito em cada período de 6 meses por prestações de 3 a 4 horas de cada vez, disseminadas por todo o semestre. A criança, por exemplo, vai à escola um dia das 8 às 11 da manhã, outro dia da 1 às 4 da tarde, depois durante toda uma série de dias para aí voltar em seguida das 3 às 6 horas da tarde durante 3 ou 4 dias seguidos ou durante uma semana. Desaparece de novo três semanas ou um mês, depois volta durante algumas horas em certos dias de folga, quando por acaso o patrão não precisa dela. A criança passa assim da escola para a fábrica e da fábrica para a escola, até que se atinja o total das 150 horas (Idem, p.68).

Marx argumenta que é da natureza do homem produzir objetos nos quais ele se reflete, porém esses objetos são tomados pela lógica da produção vigente. Ele é incapaz de ser dono do produto de seu trabalho, e se torna estranho à sua própria criação, como algo hostil e alheio.

Essa alienação do homem em relação ao que ele produz também implica na sua alienação em relação aos outros homens. A precondição da existência é o trabalho, mas no capitalismo o próprio trabalho transformou-se numa mercadoria:

É assim que os operários são postos à parte e desprezados pela classe no poder no plano moral, como o são nos planos físico e intelectual. O único interesse que ainda se tem por eles manifesta-se pela lei, que lhes deita a mão assim que se aproximam demasiado da burguesia; tal como para com os animais despidos de razão, só se utiliza com eles um único meio de educação: o chicote, a força brutal que não convence, mas que só intimida. Não é, pois de admirar que os operários, que são tratados como bestas, se tornem verdadeiras bestas, ou que tenham apenas, para salvaguardar a sua consciência de homens e o sentimento de que são seres humanos, o ódio mais feroz, uma raiva interior permanente contra a burguesia no poder. De facto, só são homens quando sentem cólera contra a classe dominante: tornam-se bestiais, assim que se resignam pacientemente ao seu jogo, procurando apenas tornar agradável a sua vida sem tentar quebrar o seu jugo. Os burgueses ingleses são excelentes homens de negócios, e vêem mais longe do que os professores alemães. Só contrariados encaram partilhar o poder com a classe operária (p.70-71).

A burguesia, ao difundir seus interesses como sendo os interesses de todos, tornou tudo obrigatório, inclusive a educação:

A burguesia encontrava o seu interesse em tudo isto; a obrigação pessoal do serviço militar de um ano, que atingia também os filhos da burguesia, era liberal e muito fácil de tornar por meio de luvas nos anos 1840, tanto mais que o governo dava pouco valor aos oficiais do exército de carreira recrutados nos meios comerciantes e industriais. A instrução obrigatória, que forneceu à Prússia um grande número de indivíduos com conhecimentos elementares e escolas médias para a burguesia, era extremamente lucrativa para burguesia. A burguesia progressiva calculava que estas despesas – evidentemente desagradáveis, mas inevitáveis para se tornar uma «grande potencia» - seriam largamente compensadas por maiores lucros (p.72-73).

A burguesia, ansiosa por manter-se classe dominante, busca uma reforma constante, a reforma como instrumento de manutenção do poder, como instrumento de enfrentar as

reivindicações da classe operária. Como considera MARX “Uma outra reforma muito apreciada pelos burgueses é a educação, e particularmente a educação profissional universal” (1978, p.73) Esta reforma por sua vez, visa a todo instante, na realidade do trabalho industrial, na formação do operário, consiste em oferecer uma formação quantitativa, centrando em determinadas especializadas.

A ciência burguesa é a ciência que valorize o trabalho produtivo, gerador da mais-valia. Foi inclusive a partir desta concepção que a burguesia serviu-se para derrotar o poder da Igreja e da nobreza:

A função pública devia deixar de ser uma propriedade privada, conforme pelo governo actual aos seus auxiliares e protegidos. O exército permanente e a polícia de Estado, os instrumentos físicos da opressão, deveriam ser eliminados. Ao expropriar todas as Igrejas na medida em que elas corpos possuidores, ao eliminar a instrução religiosa de todas as escolas públicas e ao introduzir simultaneamente a gratuidade da instrução, mandando todos os padres para a calma reforma da vida privada para aí viverem de esmola dos seus fiéis, ao libertar todos os estabelecimentos escolares da tutela e da tirania do governo, a força ideológica da repressão devia quebrar-se: não só a ciência se tornava acessível a todos, mais ainda ficava liberta dos entraves da pressão governamental e dos preconceitos de classe (p. 80).

A burguesia, ao organizar uma ordem para si, buscou no ideário da democracia, justificativa, para exercer controle mais efetivo, pois a verdade burguesa constitui-se uma falsa consciência ao proletariado, uma representação distorcida da realidade. Para conciliar trabalho nas indústrias, a instrução pública foi organizada para difundir uma formação rápida, bem como propagar as virtudes do cidadão, ensinando-lhe o valor do trabalho. É nesta lógica que temos o processo de universalização da escola burguesa, de crença na escola:

Para se educarem, os jovens poderão percorrer rapidamente todo o sistema da produção, a fim de atingirem o estado em que possam passar sucessivamente de um para outro dos diferentes ramos da produção – segundo as necessidades da sociedade ou as suas próprias inclinações os conduzirem. A educação libertá-los-á, por conseguinte desse carácter unilateral que a divisão do trabalho actual imprime a cada individuo. Desta forma, a sociedade organizada segundo o modo comunista dará aos seus membros a ocasião de pôr, em todos os sentidos, em acção as suas aptidões, também elas desenvolvidas em todos os sentidos. Daqui resulta que qualquer diferença de classe desaparecerá necessariamente. É assim que a sociedade organizada na base comunista é incompatível com a existência das classes, por um lado, e proporciona directamente os meios para eliminar estas diferenças de classe, por outro (1978, p.109-110).

A idéia burguesa de *escola para todos*, não visava emancipar a classe operária, mas mantê-la sob seu domínio, sobretudo em seus ideais revolucionários. No contexto da revolução francesa, a burguesia tornou público seus ideais de sociedade de realizar a defesa dos princípios que qualificam a nova escola, pública, universal, laica, *obrigatório e gratuito*, como o instrumento para realizar a formação de todos os cidadãos:

Em suma, Marx e Engels resumem as medidas que tendem para uma formação universal de todos no princípio o qual o ensino deve ser combinado com o trabalho produtivo, a fim de vencer a oposição entre trabalho intelectual e corporal, para o que é preciso, a partir da infância, que o homem seja iniciado no trabalho físico e espiritual. Isto supõe que as tarefas corporais penosas

deixam de ser desprezadas, e que nos apropriemos dos conhecimentos, das capacidades e de um saber-fazer práticos em todos os ramos de actividade. As capacidades intelectuais, indispensáveis a esta mobilidade, não devem exercer-se somente durante a infância e a juventude, mas durante todo o resto da vida: a formação e a criatividade caminham sempre paralelamente, e no comunismo isto exprime-se no facto de que não se reproduz aí simplesmente o modo de produção e de vida, como na base do capital, mas criam-se aí sem cessar relações, objectos e homens novos. O efeito só pode ser uma rica diversificação das necessidades tanto materiais como espirituais. Em oposição à unilateralidade da educação iluminista das classes privilegiadas do passado, a combinação do trabalho produtivo e intelectual dará, além disso, uma higiene do corpo, criando uma estética que transfigurará o mundo material bem como espiritual, dando um impulso natural às forças humanas de todo o género (p. 148).

As condições de trabalho na industrial embrutecem o trabalhador, tendo como consequência imediata o embrutecimento intelectual:

Esta condenação a ser enterrado vivo na fábrica, a vigiar interminavelmente uma máquina incansável, é sentida pelo operário como a pior das torturas. Tem de resto um efeito absolutamente embrutecedor tanto sobre o organismo como sobre as faculdades mentais do operário. Não se poderia inventar melhor método de embrutecimento do que o trabalho fabril. Só revoltando-se contra o seu destino e contra a burguesia, lhe é possível salvar a sua razão, até mesmo desenvolver e aguçar a sua inteligência, mais do que os outros. Mas se esta indignação contra a burguesia não se torna o sentimento predominante nos operários, eles caem necessariamente do alcoolismo e naquilo a que correntemente se chama a desmoralização (p.158).

O tempo livre da criança ao sentar em um banco escolar na sociedade capitalista, transformou-se, em um pesadelo, pois mesmo fora da fábrica, o processo escolar tornou-se extensão do trabalho fabril, reforçando formas de controle político ideológico, estando a serviço da produção da mais valia. A escola capitalista, não visa atender ao tempo livre, na medida em que a mesma se transformou em numa instituição social de manutenção da ordem burguesa, difundindo em seus conteúdos o “mundo maravilhoso” das mercadorias, da produtividade, da competição e do individualismo tanto aos filhos da burguesia como aos filhos dos operários.

A questão educacional é considerada a partir de sua produção material, ao expor as consequências sociais decorrentes do emprego da maquinaria moderna, e o vínculo com o processo educacional, como por exemplo, a fragilização física e intelectual do trabalhador masculino frente ao capital, sobretudo a partir do processo de divisão do trabalho imposto pela máquina. A incorporação de mulheres e crianças à produção, a precarização das condições de trabalho, dos salários, causada pela grande oferta de força de trabalho, produziu um quadro de miséria material e moral para os trabalhadores.

### ***Algumas considerações finais***

Como vimos à questão educacional em Marx, é considerada a partir de sua produção material, ao expor as consequências sociais decorrentes do emprego da maquinaria no processo produtivo. A fragilização física e intelectual do trabalhador frente ao capital é um dos seus

principais efeitos, sobretudo a partir do processo de divisão do trabalho imposto pela grande indústria. A incorporação de mulheres e crianças à produção, a precarização das condições de trabalho, dos salários, causada pela grande oferta de força de trabalho, produziu um quadro de miséria material e moral para os trabalhadores.

No interior da sociedade capitalista, o saber tornou-se componente de uma estrutura burocrática, como instrumento de dominação das classes exploradas, em que o pensar e o decidir são privilégios de uma elite. A burocracia, ao controlar o trabalho e as formas de pensar, fez do conhecimento um segredo, um mistério a ser desvendado por poucos.

A partir das reflexões apresentadas nesse texto, pode-se observar que o objetivo da escola idealizada para o povo nos princípios de igualdade não foi alcançado, o ensino não proporcionou os princípios propostos de igualdade, obrigatoriedade e gratuidade. A questão política da educação popular, que envolveu todo o ocidente, desde a segunda metade do século XIX, promoveu a discussão sobre a organização didático-pedagógica e administrativa do ensino primário. Essa organização tinha por objetivo definir as finalidades da escola primária e os meios de sua universalização.

A partir do século XIX a organização das instituições públicas de ensino promoveu a transmissão da ideologia da sociedade burguesa, podendo ser identificada nos conteúdos escolares, que visavam o aprimoramento do trabalhador e a reprodução da ordem econômica e política vigente.

O homem não sendo o fim da economia burguesa, tornou-se instrumento de produção, tratado como máquina, submetido às relações sociais opressoras, alienando-se de sua humanização.

### **Referências**

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2002 (Col. A obra prima de cada autor).

\_\_\_\_\_. *A ideologia Alemã* V.1. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

\_\_\_\_\_. *A ideologia Alemã: teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Moraes, 1984.

\_\_\_\_\_. *Manifesto do Partido Comunista*. In. Obras escolhidas. V.1. São Paulo Alfa Omega

\_\_\_\_\_. *O Capital*. VI. São Paulo: Difel, 1985.

\_\_\_\_\_. *Para a Crítica da Economia Política do Capital: o rendimento e suas fontes*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Col. Os Pensadores)

MARX, K. & ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Lisboa: Editorial Presença; Brasil: Livraria Martins Fontes. Volume I (311 p.) e Volume II (457 p.).

MARX, K. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Pontes, 1983 (2a. ed.). "Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política", p. 300-303.

MARX, Karl e Friedrich Engels. *Crítica da Educação e do ensino*. Introdução e notas e Roger Dangeville. Lisboa, Portugal: Moraes, 1978.

MÉSZÁROS, Istivan. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

**Notas:**

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão modificada apresentado no II EBEM – *Encontro Brasileiro de educação e marxismo: marxismo concepção e método*, realizado na UFPR/Curitiba, PR, Agosto de 2006.

<sup>2</sup> *Doutor em História e filosofia da Educação/FE-UNICAMP*. Professor no Colegiado do Curso de Pedagogia/UNIOESTE, Cascavel, PR. Membro do Grupo de pesquisa HISTEDOPR/GT-Cascavel. E-mail: [jcsilva05@terra.com.br](mailto:jcsilva05@terra.com.br)